



Varia Historia

ISSN: 0104-8775

ISSN: 1982-4343

Pós-Graduação em História, Faculdade de Filosofia e
Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais

THEOPHILO, Gabriela Mitidieri

Errância e opacidade em *Poética da Relação*

Varia Historia, vol. 38, núm. 78, 2022, Setembro-Dezembro, pp. 1013-1020

Pós-Graduação em História, Faculdade de Filosofia e
Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais

DOI: <https://doi.org/10.1590/0104-87752022000300014>

Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=384473768014>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais informações do artigo
- Site da revista em redalyc.org

UAEM redalyc.org

Sistema de Informação Científica Redalyc

Rede de Revistas Científicas da América Latina e do Caribe, Espanha e Portugal

Sem fins lucrativos acadêmica projeto, desenvolvido no âmbito da iniciativa
acesso aberto

Errância e opacidade em *Poética da Relação*

Wandering and Opacity in *Poetics of Relation*

GABRIELA MITIDIERI THEOPHILO*

Obra resenhada:

GLISSANT, Édouard. *Poética da Relação*. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2021.

O escritor, poeta e filósofo martinicano Édouard Glissant fez seus estudos na Sorbonne e no Musée de l'Homme, ambos em Paris, tendo rápida consagração na França e na Europa, entre os anos de 1940 e 1960. Escreveu para a revista literária francesa *Les lettres nouvelles*, fazendo parte, também, de seu comitê diretor a partir de 1956, e colaborou regularmente para a *Présence africaine*. Em 1958, recebeu o prêmio Renaudot por seu primeiro romance, *La lézarde* (GLISSANT, 1958). Como outros intelectuais franceses e antilhanos, teve uma atuação constante em favor das lutas de descolonização e da autonomia dos povos. Entre 1982 e 1988, foi diretor de redação do *Correio da Unesco*, veículo oficial dessa instituição. Em 2011, ano de sua morte, a revista publicou um texto de Ernest Pépin (2011, p. 50-51) em sua homenagem, que afirmava que a obra do escritor contribuíra intensamente para forjar a noção de “diversidade cultural” defendida pela organização.

* <https://orcid.org/0000-0001-7909-9274>

Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Instituto de História

Largo São Francisco de Paula, 1, Centro, 20051-070, Rio de Janeiro, RJ, Brasil

gabitheophilo@gmail.com



Mesmo que os estudos de Glissant abordem temas concernentes a experiências comuns dos países do Sul Global, sua recepção ainda é lenta no Brasil – quadro que vem mudando. Até a publicação de *Poética da Relação*, havia apenas três traduções brasileiras de seu trabalho: o romance *O quarto século*, traduzido por Cleone Augusto Rodrigues e lançado em 1986 pela Editora Guanabara, do Rio de Janeiro; os ensaios reunidos em *Introdução a uma poética da diversidade*, de tradução da professora Enilce do Carmo Albergaria Rocha, do Programa de Pós-graduação em Estudos Literários da Universidade Federal de Juiz de Fora, publicado em 2005 pela Editora UFJF, e *O pensamento do tremor*, publicado pela mesma editora, em 2014, desta vez com tradução conjunta de Enilce Albergaria e da também professora Lucy Magalhães.¹

Ao longo de sua trajetória, Glissant desenvolveu conceitos como “pensamento arquipelágico”, “identidade-rizoma”, “Relação”,² “crioulização”, entre outros. Inicialmente lidos na chave do multiculturalismo (considerando, por exemplo, a citação de Ernest Pépin, acima), estes conceitos têm sido retomados nas últimas décadas (de modo mais preciso, a meu ver), em sua aproximação com uma filosofia da diferença, nos moldes de Derrida e Deleuze – ambos amigos próximos do escritor e com quem ele traçou diálogos constantes. Ainda está por ser feita uma análise sistemática da fortuna crítica de Glissant nas Américas. O que pude perceber, ao longo dos últimos anos de leitura de sua obra e de seus comentadores, foi uma ênfase dos estudiosos nas ideias de “identidade” e “diversidade” até os primeiros anos do século XXI e, mais atualmente, no lastro dos debates decoloniais, uma concentração na ideia

1 Com razão, no prefácio da tradução analisada, os professores Ana Kiffer e Edmilson de Almeida Pereira (2021, p. 9-10) ressaltam o trabalho de Enilce Albergaria, importante na introdução e na difusão da obra de Glissant em língua portuguesa, de modo geral, e no Brasil, em particular (Ana Kiffer é, também, a organizadora da presente tradução).

2 O conceito de Relação (que talvez seja o mais central em Glissant), aparece grafado em letra maiúscula em todos os seus livros e ensaios. Trata-se de uma forma de o diferenciar da palavra “relação”, em seu sentido mais corrente. Optei por seguir o mesmo critério neste texto, apenas colocando-o entre aspas quando citado em enumeração, junto a outros conceitos, e utilizando-o sem aspas quando mobilizo, eu mesma, a ideia, tal como Glissant a definiu ao longo de sua obra.

de “Relação” e nos questionamentos do autor concernentes à ontologia ocidental. Além de Derrida, Deleuze, Sartre, Leiris,³ entre outros, a obra de Glissant dialoga (ora aproximando-se, ora distanciando-se) com nomes importantes da intelectualidade caribenha, como Aimé Césaire (e outros teóricos da Négritude), e Frantz Fanon.

A própria rede conceitual de Glissant foi formulada a partir da história caribenha. As metáforas e conceitos que compõem sua poética, e que visam a incitar a imaginação de um mundo futuro, têm como fundamento a paisagem local, os traumas históricos do tráfico e da escravização de pessoas e a reelaboração desses traumas ao longo do tempo. Essas linhas mestras de sua obra aparecem no livro ora analisado. Glissant sempre reivindicou o caráter utópico de seu trabalho – não uma utopia como *telos*, mas como imaginação em funcionamento, palavra aberta, imprevisibilidade: uma dialética sem síntese. Em suas palavras: “A utopia para nós, hoje, é acumular, sem nenhuma exceção, todas as belezas, todas as tristezas e todos os valores do mundo. A utopia será um sentido agudo de uma poética da Relação, enquanto, no sentido tradicional, a utopia é uma poética da excelência e da normalidade” (GLISSANT, 2010, p. 75-76). Sendo assim, as propostas de Glissant são fundamentais para pensarmos tanto nos impasses atuais da disciplina histórica, quanto em nossos problemas coletivos, resultantes da nova temporalidade neoliberal. Elas incitam à ampliação de nossa imaginação histórica, urgente neste momento de crise tanto da disciplina – que, aos poucos, é alijada de seus meios de reprodução e de seus espaços de autonomia (ÁVILA, 2021) – quanto de uma sociedade em que, muitas vezes, imaginar um futuro diferente nos parece impossível.

Poética da Relação (Poétique III) faz parte de um conjunto de ensaios que compõem a coleção intitulada *Poética*, que se configura como um “programa denso e sem retorno”, nos termos de Ana Kiffer e Edimilson de Almeida Pereira (2021, p. 10). Foi publicado originalmente em 1990, depois de *Soleil de la conscience (Poétique I)*, de 1956, e de *L'intention poétique (Poétique II)*, de 1969. É, também, posterior ao *Discours antillais*, de 1981. *Poética da Relação* foi seguido de *Traité du*

3 Sobre Glissant e Leiris, ver Theophilo (2018).

tout-monde (Poétique IV) (GLISSANT, 1997) e *La cohée du Lamentin* (Poétique V) (GLISSANT, 2005b).

O livro foi dividido em 5 partes: I – *Aproximações: Uma abordagem, mil passagens*; II – *Elementos: O elementar se recompõe absolutamente*; III – *Caminhos: Em voz alta, pra marcar o distanciamento*; IV – *Teorias: A teoria é ausência, obscura e propícia*; V – *Poética: O sendo, múltiplo infinito em sua substância*. Cada uma contém quatro pequenos ensaios que têm relação entre si, mas não de forma totalmente evidente. Nesses textos, Glissant aborda temas e conceitos que serão recorrentes em sua obra. Destaco: a errância, a opacidade, o barroco, o multilinguismo (não como acúmulo de línguas faladas por alguém, mas como presença concomitante de línguas, nenhuma sendo “própria”)⁴, a criouliização, o caos-mundo, as identidades “raiz” e “rizoma” e, claro, a “Relação”. Outras noções importantes, como “pensamento arquipelágico” (em contraposição ao “pensamento continental”) e “mundialidade” (em contraposição à “mundialização” conquistadora), serão desenvolvidas em seus textos posteriores.

O primeiro ensaio do livro – que, de forma poética, apresenta um caráter programático – já remonta à experiência caribenha, a partir da qual, como dito, Glissant forjou suas metáforas e conceitos: não para rememorar o trauma, mas para projetar um futuro em Relação. Assim, o texto aborda, justamente, a experiência do deslocamento brutal que deu origem ao Caribe atual. Trata-se de uma história que começa na imensidão do mar e é marcada pelo imprevisível característico de uma travessia oceânica sob condições violentas: da ressignificação desse medo e do desconhecido fundadores resultarão novas formas de conhecimento, de estar e agir no mundo. Em *A barca aberta*,⁵ portanto, o autor afirma:

4 Nesse sentido, há uma aproximação entre as concepções de Glissant e a perspectiva de Jacques Derrida, especialmente aquela exposta no debate *Le monolingüisme de l'autre* (1996), em que ele sugere que nenhuma língua pode ser considerada “própria” e, mais do que isso, propõe um trabalho ativo (uma tarefa ética) de desapropriação das línguas, subvertendo seu caráter colonizador. Cabe ressaltar que uma versão dessa reflexão de Derrida foi apresentada em colóquio organizado por Édouard Glissant e David Wills em 1992.

5 Sobre este ensaio, particularmente, recomendo o comentário de Ana Kiffer e Edimilson Peireira (2021, p. 15-16) no prefácio da tradução analisada.

Terra do além tornada terra em si. E aquela vela insuspeita (...) é irrigada pelo vento branco do abismo. E assim o desconhecido-absoluto, que era a projeção do abismo (...) no fim tornou-se conhecimento. Não somente conhecimento particular, apetite, sofrimento e gozo de um povo particular, mas o conhecimento do Todo, que aumenta com a frequência do abismo e que no Todo libera o saber da Relação (GLISSANT, 2021, p. 14-15).

O barco que fundou o Caribe, em meio à dor, à tortura e ao abismo, deve ser retomado e relançado como barco aberto, a ser navegado em conjunto:

Para além de seu precipício, nós jogamos sobre o desconhecido. Tomamos o partido desse jogo do mundo, o das Índias renovadas, o qual interpelamos, o dessa Relação de tempestades e de calmarias profundas onde honramos nossas barcas. (...) Mesmo (...) se concebemos o sobressalto das políticas a serem concertadas, o horror de superar as fomes e as ignorâncias (...) está, à frente da proa doravante comum, esse rumor ainda (...). Nós nos conhecemos na multidão, no desconhecido que não aterroriza. Nós gritamos o grito da poesia. Nossas barcas estão abertas, nós as navegamos em nome de todos (GLISSANT, 2021, p. 29-30).

O Caribe torna-se, assim, ponto de partida e alegoria para um mundo possível. Nos termos de Glissant (2021, p. 59), enquanto o Mediterrâneo, cercado de terras, é um mar que concentra, o Caribe é um mar que difrata: “a realidade arquipelágica, no Caribe ou no Pacífico, ilustra naturalmente o pensamento da Relação, sem que se deva deduzir qualquer vantagem desta situação”.

O Caribe é, então, abertura ao outro e errância. A barca aberta, assim como a plantação (outro tema importante em sua obra) deixam um lastro, um traço – que é, também, uma forma de pensamento.

O pensamento do traço (ou da errância) é dado à opacidade.⁶ É um pensamento que deixa brecha à adivinhação e à imaginação, finalmente. O pensamento do traço quer imaginar a totalidade, mas não é conquistador, não visa a tudo compreender, nem pretende reduzir o Outro ao Mesmo, o desconhecido ao conhecido – ao contrário da tradição ocidental. É um pensamento do acúmulo de todas as coisas do mundo. Esse pensamento, por sua vez, é afeito a uma subjetividade também aberta. Nesse sentido, as reflexões de Glissant propõem um questionamento da ontologia do Ocidente, uma substituição do “Ser” (*l’Être*) – proprietário de si mesmo, orgulhoso e dominador – pelo “sendo” (*l’étant*), o ser em Relação. Desse modo, em Glissant, e no livro em questão, não se trata de uma defesa das identidades, ou de uma pluralidade de “identidades-raiz”, mas da indução à imaginação de uma identidade rizomática (ou submarina) constantemente afetada pelo de-fora (e o afetando), ainda que sem se dissolver num amálgama indefinido: trata-se sempre de soma, nunca de dissolução.

Os ensaios contidos em *Poética da Relação* são perpassados por todas essas noções, narrando-as (já que a Relação é, ainda, aquilo que é relatado, transmitido). Porém, a leitura de seus textos nunca nos esclarece completamente. Não por acaso, Glissant muitas vezes foi considerado um autor de difícil compreensão. Seus escritos não têm o objetivo de deixar tudo *transparente* (termo muito repetido ao longo de suas páginas e associado ao desejo conquistador da tradição ocidental). Usando uma metáfora de Georges Bataille,⁷ pode-se dizer que ele escreveu como quem abre “canteiros de obra”, reivindicando uma opacidade e uma errância que forçariam a imaginação e possibilitariam a abertura para o que não é si-mesmo. O direito à opacidade (de si e do

6 Em *Philosophie de la relation*, Glissant (2009) encadeia ensaios com definições possíveis de *pensée archipélique*, *pensée du tremblement*, *pensée nouvelle des frontières*, *pensée de l’errance*, *pensée des créolisations*, *pensée de l’imprévisible*, *pensée de l’opacité* e *pensée de la Relation*.

7 Na introdução ao livro *Théorie de la religion*, Georges Bataille (1973, p. 17) afirma: “Une philosophie n’est jamais une maison, mais un chantier”. Em artigo intitulado *O jardim secreto: Notas sobre Bataille e Foucault*, a pesquisadora Eliane Robert Moraes (1995, p. 22) traduz a frase da seguinte forma: “Uma filosofia não é jamais uma casa, mas um canteiro de obras”. Trata-se de passagem bastante citada da obra de Bataille, apropriada livremente nesta resenha.

outro) é *performatizado* na linguagem, assim como a própria Relação. Nesse sentido, o trabalho de tradução e organização desta edição foi feliz, tanto por trazer Glissant e dar impulso a uma maior circulação de autores e autoras caribenhos no Brasil (lacuna que persiste), como por não descaracterizar a forma descontínua dos ensaios, cujos ecos seguimos ouvindo e que sempre nos terão o que dizer.

REFERÊNCIAS

- ÁVILA, Arthur Lima de. (Re)Politizando a teoria da história em tempos de exceção: Hayden White e a crítica do presente. *ArtCultura*, v. 20, n. 37, p. 21-35, jul./dez. 2018.
- BATAILLE, Georges. *Théorie de la religion*. Paris: Gallimard, 1973.
- DERRIDA, Jacques. *Le monolingüisme de l'autre: Ou la prothèse d'origine*. Paris: Galilée, 1996.
- GLISSANT, Édouard. *Soleil de la conscience*. Paris: Seuil, 1956.
- GLISSANT, Édouard. *La Lézarde*. Paris: Seuil, 1958.
- GLISSANT, Édouard. *L'intention poétique*. Paris: Seuil, 1969.
- GLISSANT, Édouard. *Le discours antillais*. Paris: Seuil, 1981.
- GLISSANT, Édouard. *O quarto século*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.
- GLISSANT, Édouard. *Poétique de la relation*. Paris: Gallimard, 1990.
- GLISSANT, Édouard. *Traité du tout-monde*. Paris: Gallimard, 1997.
- GLISSANT, Édouard. *Introdução a uma poética da diversidade*. Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2005a.
- GLISSANT, Édouard. *La coheé du Lamentin*. Paris: Gallimard, 2005b.
- GLISSANT, Édouard. *Philosophie de la relation: Poésie en étendue*. Paris: Gallimard, 2009.
- GLISSANT, Édouard. *L'Imaginaire des langues: Entretiens avec Lise Gauvin (1991-2009)*. Paris: Gallimard, 2010.
- GLISSANT, Édouard. *O Pensamento do tremor: La coheé du Lamentin*. Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2014.
- KIFFER, Ana; PEREIRA, Edimilson de Almeida. Prefácio: Édouard Glissant e o mar sem margens do pensamento. In: GLISSANT, Édouard. *Poética da Relação*. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2021, p. 9-22.

MORAES, Eliane Robert. O jardim secreto: Notas sobre Bataille e Foucault.

Tempo Social, v. 7, n.1-2, p. 21-29, out. 1995.

PÉPIN, Ernest. Homenagem a Édouard Glissant: Pensar o Tout-monde.

O Correio da Unesco, p. 50-51, abr./jun. 2011.

THEOPHILO, Gabriela Mitidieri. Uma poética da relação: A conversa infinita entre Édouard Glissant e Michel Leiris. *História da Historiografia*, v. 11, n. 27, p. 118-141, maio/ago. 2018.

Recebido: 19 ago. 2022 | Aceito: 23 set. 2022